



ESTeSC

Escola Superior de Tecnologia
da Saúde de Coimbra

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Mestrado em Educação Para a Saúde

Oportunidades de Estimulação na Habitação para o Desenvolvimento Motor da Criança

Ana Luísa Pereira Simões

Relatório realizado sob a orientação do Professor Dr. Rui Mendes

2012

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha sobrinha Carla e a toda a minha família, que de certa forma contribuiu para a realização deste trabalho.

Agradeço ao orientador Dr. Rui Mendes que ao longo deste tempo se mostrou um verdadeiro amigo e que prestou orientação em todas as fases deste projecto. Agradeço-lhe com elevada estima pela sua disponibilidade, paciência e preocupação.

Pela gentileza e cooperação agradeço à Dra. Lúcia Santos, Diretora da Fundação onde se desenvolveu o projecto de intervenção e investigação.

Agradeço também, a todas as famílias envolvidas, pela sua participação e em especial às Coordenadoras Pedagógicas e às Educadoras que facilitaram todo o processo de recolha e entrega de dados.

A todos, o meu sincero agradecimento.

ÍNDICE

Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
 Introdução.....	 1
 Capitulo I - Revisão literária	 2
1.1. Educação e promoção para a saúde	2
1.2. Estilos de vida saudáveis	3
1.3. Empowerment.....	3
1.4. Teoria ecologica das affordances/ oportunidades	4
1.5. Desenvolvimento da criança	4
1.6. Estimulação/ oportunidades (affordances).....	6
1.7. Objetivos	9
 Capitulo II - Metodologia	 10
2.1. Amostra.....	10
2.2. Instrumento	10
2.3. Tratamento dos dados.....	12
 Discussão	 30
Conclusão.....	32

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I – Brinquedos	9
Quadro II – Affordances / Oportunidades de Estimulação	11

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Número de irmãos/ãs	12
Tabela 2 – Tipo de habitação	12
Tabela 3 - Número de Adultos a viver na habitação	13
Tabela 4 - Número de crianças na habitação	13
Tabela 5 - Número de quartos na habitação	13
Tabela 6 - Período de tempo que vivem na habitação	14
Tabela 7 - Habilitações académicas dos pais	14
Tabela 8 - Habilitações académicas das mães	14
Tabela 9 - Rendimento mensal dos agregados familiares	15
Tabela 10 – Habitação: espaço exterior	15
Tabela 11 – Habitação: mais do que um tipo de superfície no espaço exterior ...	15
Tabela 12 – Habitação: superfícies inclinadas no espaço exterior	16
Tabela 13 – Habitação: apoio no espaço exterior para a criança se levantar sozinha	16
Tabela 14 – Habitação: escadas ou degraus no espaço exterior	16
Tabela 15 – Habitação: espaço interior suficiente para a criança brincar	17
Tabela 16 – Habitação: mais que uma superfície no espaço interior	17
Tabela 17 – Habitação: suporte no espaço interior para a criança se apoiar.....	17
Tabela 18 – Habitação: escada ou degraus no espaço interior da habitação.....	17
Tabela 19 – Habitação: um espaço de fácil acesso à criança, para guardar brinquedos	18
Tabela 20 - Interação crianças/ crianças, sem considerar o tempo na Creche	18
Tabela 21 - Interação entre pais e crianças	18
Tabela 22 - Interação das crianças com outros adultos que não os pais.	19
Tabela 23 - Estimulação das crianças, pelos pais para atividades como a exploração corporal	19

Tabela 24 - Incentivo regular dos pais para a prática de atividades como bater as palmas	19
Tabela 25 - Quantidade de tempo que a criança passa ao colo, num dia comum	20
Tabela 26 - Quantidade de tempo em que a criança passa sentada	20
Tabela 27 - Quantidade de tempo em que a criança passa de pé a andar	20
Tabela 28 - Quantidade de tempo em que a criança passa num berço ou num local de onde não consegue sair sozinha	21
Tabela 29 - Quantidade de tempo em que a criança passa deitada de barriga para baixo	21
Tabela 30 - Demonstra o número de famílias onde a criança é livre para se movimentar	21
Tabela 31 - Número de brinquedos suspensos a cima ou ao lado da criança, móveis	22
Tabela 32 - Número de brinquedos manipuláveis, chocalhos, borrachas de sucção	22
Tabela 33 - Número de brinquedos de peluche	22
Tabela 34 - Número de equipamentos tipo cadeiras de balanço, em que a criança fica no seu interior	23
Tabela 35 - Número de brinquedos com rodas que possam ser puxados ou empurrados	23
Tabela 36 - Número de brinquedos de apertar, pressionar, bater e rodar	23
Tabela 37 - Número de blocos de empilhar, em plástico ou madeira	24
Tabela 38 - Número de livros em vários materiais	24
Tabela 39 - Número de bolas	24
Tabela 40 - Número de materiais tais como tapetes, colchões para estimular o rastejar, trepar e gatinhar	25
Tabela 41 - Número de materiais musicais	25
Tabela 42 - Número de brinquedos educativos para encaixar formas variadas ...	26
Tabela 43 - Número de fantoches e marionetes macios	26
Tabela 44 - Número de bonecos e outros personagens com acessórios tais como biberão, roupas, capacete, mobiliário, etc.	26
Tabela 45 - Número de brinquedos que representam objectos da casa, telefones, ferramentas, utensílios de cozinha	27
Tabela 46 - Número de brinquedos de empilhar	27

Tabela 47 - Número de brinquedos quebra-cabeças para bebés, de 2 a 3 peças	28
Tabela 48 - Número de brinquedos que estimulem a criança a levantar, a andar com apoio, de empurrar e puxar	28
Tabela 49 - Número de mesas de atividades, em plástico ou madeira, onde a criança possa brincar de pé	28
Tabela 50 - Número de brinquedos tais como baloiços ao ar livres para bebés, cavalos de baloiçar, triciclos de bebés	29

RESUMO

O projecto de intervenção e investigação, Oportunidades de Estimulação na Habitação para o Desenvolvimento Motor da Criança surgiu no âmbito da educação e promoção para a saúde. O projeto visou saber quais as características da habitação e do agregado familiar, da atividade de estimulação que proporcionam à criança, bem como a variedade de brinquedos que a mesma potencialmente pode usar. Adicionalmente, os dados obtidos foram devolvidos às coordenadoras pedagógicas permitindo a estas, a promoção de oportunidades e realização de encontros com as famílias, promovendo assim a reflexão sobre as oportunidades que oferecem às crianças.

Participaram neste projecto famílias de diferentes localidades do distrito de Coimbra, respeitantes a crianças entre 3 e os 42 meses. Utilizou-se o instrumento AHMD - *Affordances in the Home Environment for Motor Development*, tradução de Oportunidades para Estimulação do Comportamento Motor na Habitação, desenvolvido por Luís Paulo Rodrigues do (Instituto Politécnico de Viana do Castelo) e Carl Gabbard (Texas A&M University, EUA).

No decorrer do projeto, este foi apresentado num Ciclo de Conferências, Jogo e Motricidade Infantil, promovido na Escola Superior de Educação de Coimbra.

Os Resultados foram obtidos utilizando o calculador AHMD para as idades dos 18 aos 42 meses e usando uma base de dados para as idades dos 3 aos 18 meses, estes últimos foram analisados recorrendo a estatística descritiva, permitindo apurar que as famílias das crianças dos 3 aos 18 meses proporcionam uma variedade de estimulação elevada.

Palavras-chave: Educação Para a Saúde, Estilos de vida saudáveis, teoria ecológica, desenvolvimento motor, oportunidades de estimulação

ABSTRACT

The research and intervention project, *Affordances in the Home Environment for Stimulation for Child Motor Development* emerged in the area of education and health promotion. The project aimed to learn the characteristics of the home and household and the stimulation that they provide the child, as well as the variety of toys which the child may potentially use. In addition, the data obtained were shared with the parents, allowing them to reflect on the opportunities for stimulation that they give to the children.

Families from different areas of the Coimbra district participated in this project, relating to children between the ages of 3 and 42 months. The AHMED – *Affordances in the Home Environment for Motor Development* – developed by Luís Paulo Rodrigues (of the Viana do Castelo Polytechnic Institute) and Carl Gabbard (Texas A&M University, USA).

During the project, it was presented at a Series of Conferences on Games and Motor Function in Childhood, promoted by the ESEC, Coimbra College of Education.

The results were obtained using the AHMED calculator for ages 18 to 42 months and a database for the ages 3 to 18 months, the latter being analysed by means of descriptive statistics, revealing that families of children aged 3 to 18 months provide an high variety of stimulation.

Keywords: Health Education, Healthy lifestyles, ecological theory, opportunities for stimulation, motor development.

INTRODUÇÃO

O presente projecto de intervenção, Oportunidades de Estimulação na Habitação Para o Desenvolvimento Da Criança, surge tendo por base a Educação e Promoção para a Saúde, Os Estilos de vida Saudáveis, o Empowerment, a Teoria Ecológica e especificamente o conceito de Affordances. A intervenção é apoiada pelo instrumento de trabalho concebido por Luís Paulo Rodrigues (Instituto Politécnico de Viana do Castelo) e Carl Gabbard (Texas A&M University, EUA), *Affordances in the Home Environment for Motor Development* (AHEMD) cuja tradução é Oportunidades para Estimulação do Comportamento Motor na Habitação. Pretendeu-se sensibilizar os pais para a importância do brincar no desenvolvimento motor da criança bem como a forma como estes podem intervir como promotores.

O ritmo de desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida é mais acelerado do que em qualquer outra fase da vida do ser humano. Os pais têm um papel fundamental na vida da criança pequena, pois são os principais mediadores das brincadeiras e promotores de oportunidades de desenvolvimento adequadas às competências da criança, bem como à criação de estilos de vida activos e saudáveis. A prática de estilos de vida saudáveis contribui para uma melhor saúde ao longo da vida, e a infância e adolescência, segundo o Plano Nacional de Saúde (PNS), 2011/2016, são os períodos privilegiados de aquisição de comportamentos saudáveis.

Este projecto de intervenção teve como objetivo analisar as oportunidades de estimulação do desenvolvimento motor existentes em casa de famílias onde habitam crianças dos 3 aos 42 meses, e promover a reflexão e o reconhecimento do papel da casa, recursos e materiais nela existentes, para que pais e educadores conduzam boas práticas educativas e proporcionem o bem-estar e o desenvolvimento das competências da criança, de acordo com as suas características individuais.

O projeto realizou-se entre Janeiro a Junho de 2012 constando deste, apresentações à Direção e Coordenação de uma Fundação do distrito de Coimbra, entrega de questionários às famílias, recolha, introdução de dados no calculador AHEMD e tratamento numa base de dados. Consequentemente procedeu-se à entrega de resultados às coordenadoras e entrega destes aos pais. Participaram 241 famílias do distrito de Coimbra, onde habitam crianças dos 3 aos 42 meses. No entanto, apenas 57 questionários, relativos a crianças dos 3 aos 18 meses foram tratados numa base de dados e são apresentados e analisados neste trabalho.

CAPITULO I

1. REVISÃO LITERÁRIA

1.1. EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO PARA A SAÚDE

Educar para a Saúde consiste em dotar as crianças e os jovens, de um alto sentido de coerência, conhecimentos, atitudes e valores que os ajudem a fazer opções e a tomar decisões adequadas à sua saúde e ao seu bem-estar, bem como a saúde dos que os rodeiam, conferindo-lhes assim um papel interventivo. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, que reforça os recursos sociais e pessoais, um bem a preservar e o alvo da Promoção para a Saúde (Candeias, 1997).

A promoção para a Saúde é a designação dada ao processo de capacitação, da comunidade para actuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo sendo uma intervenção conjunta e integrada sobre o indivíduo e o meio envolvente em que nasce, cresce, vive, respira, trabalha, consome e se relaciona (Carvalho, 2000). Com a promoção da saúde o indivíduo encontra capacidades de compreensão, de gestão e investimento pessoal. Associado a esta visão surge outra definição, vendo a promoção da saúde fundamentalmente, na combinação de apoios educativos e ambientais, considerando acções e condições de vida que conduzem à saúde e influenciam os factores determinantes desta (Green, 1991).

A Promoção para a Saúde tem vindo a ser equacionada ao longo do tempo em várias conferências de carácter internacional pela Organização Mundial de Saúde, OMS, com o objectivo da protecção da saúde (Alma-Ata, (Canadá) em 1978, em Ottawa em 1986, depois em Adelaide, (Austrália) em 1988, Jacarta em 1997, Sundsvall (Suécia) em 1991, México em 2000, Nairobi em 2009, Bangkok em 2005. Em Sundsvall (1991), a temática da conferência recaiu sobre um aspecto pertinente ao qual o presente projecto de intervenção pretendeu fomentar, a promoção da saúde e a criação de ambientes favoráveis à saúde, acentua a importância do papel de cada um, na criação desses ambientes saudáveis e na importância da ação comunitária, visa saúde fundamentalmente interligada com o ambiente global sobretudo na necessidade de gestão sustentável dos recursos e na capacitação dos indivíduos para controlar determinantes de saúde. A promoção da saúde vai para além de um estilo de vida saudável, pretendendo um bem-estar global. De modo a dar resposta à complexidade dos problemas atuais e das necessidades na saúde, que requerem atuações multiprofissionais e interdisciplinares (DGS, 2005), o trabalho em equipa, não só do

sector da saúde, mas alargado às estruturas que dão apoio à criança e ao adolescente, precisa de ser estimulado e assegurado (Mesquita, 2012).

1.2. ESTILOS DE VIDA SAUDÁVEIS

Nos anos 70, do séc. XX passou-se a dar grande importância à necessidade de mudança de comportamentos individuais para a adopção de estilos de vida mais saudáveis. Belloc & Breslow (1972) foram os precursores da mudança de estilos de vida para atingir um nível de vida saudável. Foi neste período que a Educação para a Saúde teve um grande impulso com vista a informar as pessoas da necessidade de mudança de comportamentos, (Carvalho, 2000). Para além dos benefícios naturais de bem-estar resultantes da mudança, para um estilo de vida mais saudável há outros aspetos que emergem como resultado dessa mudança, em especial, o aumento da auto-estima pela sensação de controlo ativo sobre uma componente da própria vida da pessoa. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), promover um estilo de vida ativo é também promover a atividade física no quotidiano, (...) o corpo humano evoluiu durante milhões de anos para um organismo complexo, capaz de executar um enorme conjunto de tarefas, desde utilizar grandes grupos musculares até ações que envolvem a destreza manual (OMS, 2006). As recomendações de níveis de atividade física por grupos etários são significativos para a saúde cardiovascular, saúde metabólica, saúde músculo-esquelética, cancro, saúde funcional e prevenção de quedas e depressão (Bushman, 2011). As crianças e jovens devem ainda ser encorajadas a participar numa variedade de atividades físicas que suportem o desenvolvimento natural, que sejam agradáveis e seguras (OMS, 2010). Em síntese, opções de vida promotoras da saúde são em si mesmas um processo de empowerment.

1.3. EMPOWERMENT

O empowerment (Carvalho, 2004) é uma estratégia da promoção para a Saúde individual e comunitária, entendendo-se como um aumento da consciencialização da pessoa de forma a pôr em ação as mudanças de uma aprendizagem, a reflectir sobre atitudes e comportamentos sujeitos a mudança, a desenvolver as suas competências pessoais e sociais, permitindo desta forma tomar as decisões que o levem a ter maior qualidade de vida. Esta noção de empowerment coincide com a interpretação da OMS

sobre Promoção para a Saúde, expressa também na Carta de Ottawa, e segundo o Plano Nacional de Saúde, (PNS 2011/2016) com a designação de saúde e bem-estar, que resulta de um histórico de promoção de saúde e da adopção de comportamentos saudáveis.

1.4. TEORIA ECOLOGICA DAS AFFORDANCES / OPORTUNIDADES

Gibson (1986) vindo da psicologia experimental e percepção visual, desenvolveu a teoria ecológica das *affordances* que se refere ao que é oferecido pelo ambiente e ao organismo que com ele interage. Gibson define as *affordances* do ambiente, aquilo que oferece, que providencia ou fornece um desafio, ao animal/pessoa. O autor inclui entre as *affordances* o meio (e.g., o ar), as substâncias (e.g., água e matéria sólida), as superfícies e seus traçados, os objetos e as outras pessoas e os animais. Afirmar ainda que as mais ricas e mais elaboradas *affordances*/oportunidades do ambiente são dadas pelos outros animais e, para nós, pelas outras pessoas.

Em geral, as *affordances*/ oportunidades são propriedades do meio que relativas a um certo indivíduo fornecem parâmetros, para a ação. Entre essas propriedades estão as características do solo que permite a vários tipos de locomoção, a qualidade do ar e a assimilação do oxigénio que possibilita a circulação sanguínea e outras funções metabólicas, a disposição da água, que possibilita o deslocamento de animais aquáticos e nutrição para diversos seres. A oportunidade de contacto com o meio ambiente favorece ao indivíduo descobertas, proporcionando o seu desenvolvimento harmonioso.

Entre o desenvolvimento motor e o espaço existe uma relação fundamental que permite perceber a estrutura biológica e cultural do corpo. O desenvolvimento da criança está cada vez mais dependente da natureza e do seu contexto social (Neto, 1982).

1.5. DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Uma criança ao nascer ainda não tem completamente desenvolvido o seu sistema nervoso central (SNC), pois este mantém-se em constante evolução, num processo que permite à adaptação do sujeito ao contexto em que vive. Os neurónios do bebé começam a sua maturação nas fases mais avançadas do crescimento pré-natal. No crescimento pré-natal, alguns acontecimentos vêm antes dos outros, como se realizasse uma sequência fixa de passos através dos quais o desenvolvimento terá de se processar. Também no desenvolvimento pré-natal se verifica uma sequência regular de aquisições que começa com a aquisição motora de competências da criança, como o segurar da cabeça, de seguida a competência de rolar para um lado e para o outro, depois rastejar,

sentar com apoio, sentar sozinho, gatinhar, ficar de pé com ajuda, andar de pé com ajuda, agarrar-se a móveis para se levantar, ficar de pé sozinho, andar sozinho. Há uma grande variação na faixa etária em que cada criança consegue dominar cada competência, mas é raro que a sequência se altere, esta é a ideia defendida por (Shirley, 1961). Esta sequência ordenada de passos aplica-se também nas fases de progressão do crescimento do corpo e da mente.

São muitos os autores que produzem o conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, Vygotsky (1934), Freud (1939), Piaget (1980), Erikson (1994), Gesell (1961). Este último defende que todos os comportamentos são pessoais-sociais, acreditava que os fatores ambientais afetassem apenas temporariamente o desenvolvimento motor, uma vez que os fatores da hereditariedade estariam na origem do desenvolvimento. Wallon (1972), advoga que não é possível dissociar o biológico do social. Skinner (1990) fez investigação na área da modelação dos comportamentos e defende que a aprendizagem emerge consoante os estímulos ambientais. Bandura (1970), defende que entre o estímulo e a resposta, há também o espaço cognitivo de cada indivíduo. Bronfenbrenner (1970) faz uma abordagem ecológica do desenvolvimento humano indo ao encontro da teoria ecológica de Gibson.

Gesell e Thompson (1929), Dennis (1940), Brazelton (1972), Super (1976), estudaram a maturação realçando que a sequência do desenvolvimento é a mesma para todas as crianças variando o ambiente e o tempo em que ocorrem para cada uma delas.

Existe porém, um fator determinante no desenvolvimento da criança, a relação com as outras pessoas, o vínculo à mãe e à família. (Bowlby, 1973). Alguns estudos, (Peiper, 1963), (Kaye e Brazelton, 1971) referem que a vinculação à mãe do nascimento aos 18 meses, estabelece os alicerces da confiança, onde a criança ganha algum controlo básico sobre o eu e o meio, criando os seus padrões de auto-conforto, autonomia e a exploração. Para alguns pais, os novos e apaixonados sentimentos de maternidade e de paternidade podem tornar-se obsessivos. Sentem como suas todas as aquisições do bebé. Sentem também a maravilha que é ver alguém realizar uma tarefa pela primeira vez (Brazelton, 2009).

Nos anos 80, do século XX, ganhando maior atenção nos anos 90 emerge a perspectiva ecológica do desenvolvimento motor. O desenvolvimento é visto sendo originário de diversos sistemas (em vez de um apenas, o SNC), que existem dentro, (cardiovascular, muscular) e fora do corpo (ecossistema, meio social e o meio cultural), o desenvolvimento expressa a inter-relação entre o indivíduo, o ambiente e a tarefa. Engloba a interação de muitos elementos, como por exemplo o corpo, a motivação, a

temperatura e o tamanho de uma bola, para entender o comportamento de uma habilidade motora em determinado momento. O contexto no qual o indivíduo se encontra afeta a forma como este se movimenta, a auto-organização dos sistemas corporais, a natureza do ambiente circundante e as oportunidades de estimulação são fatores determinantes para o desenvolvimento motor (Clark, 1995), (Haywood & Getchell, 2004).

1.6. ESTIMULAÇÃO/ OPORTUNIDADES (AFFORDANCES)

Dadas as actuais condições sociais e económicas e um crescente número de famílias monoparentais, cada vez mais as crianças são entregues a Creches, onde passam mais tempo com profissionais destas Instituições, que propriamente com as suas famílias (Hofferth, 1996). Estes profissionais das Instituições, especialmente as educadoras de infância deverão em conjunto com as famílias estabelecer uma boa relação diária, para que possam dar as respostas adequadas a cada criança e para que possa haver uma continuidade no seu desenvolvimento, daí as oportunidades de estimulação em casa serem um foco. Aos pais cabe a importante tarefa de saber motivar e estimular a auto-estima da criança de forma verbal e afetiva, para que esta seja capaz de ultrapassar medos que poderão advir na aquisição de competências.

Especialmente os pais são os responsáveis pelos cuidados e educação, devem procurar organizar o ambiente de forma, a que este seja *brincável*, isto é explorável e que incentive a criança a brincar (Dantas, 2002).

As mães de hoje parecem ter mais confiança e serem menos propensas a um controlo exagerado e a ceder à tentação de adiantar o desenvolvimento dos filhos (Gesell, 1979). O conhecimento geral da forma como actuam as crianças num determinado momento pode dar uma confiança maior acabando por saber que tudo tem a sua altura própria. A mãe aprenderá que se tentar incutir prematuramente uma ordem ou exigência poderá atrasar a aquisição que viria a surgir naturalmente. A regulação dos processos de desenvolvimento da criança surge naturalmente, se a mãe agir de acordo com o ritmo de desenvolvimento da criança. Muitas das competências que a criança desenvolverá dependerão da forma como esta for estimulada durante os primeiros anos de vida. Ainda segundo um estudo de Gesell (1979), problemas relacionados com a alimentação e com o sono em casa podem estar na base do desenvolvimento da criança. Regista-se em muitos lares uma tolerância excessiva em relação à hora de deitar. Os pais carecem de estabelecer mudanças nos seus estilos de vida e podem verificar que, a

rotina de ir para a cama se executa com maior facilidade, se a criança tiver tido antes um período razoável de brincadeiras.

A casa deve prover um espaço agradável e seguro, a que Gesell chama de “engenharia doméstica “ ao conjunto de meios de protecção e métodos de contenção, parques, cancelas, grades de janelas, vedações, cintos de segurança (para as áreas de convívio da casa, cozinha, quarto ou área de refeições) mas também a brinquedos adequados às atividades diárias da criança em certas alturas do dia. Os pais devem dar muita atenção ao bebé criando a oportunidade deste olhar, observar coisas, agarrar e reagir socialmente. Aprender a transferir objetos de uma mão para a outra é um grande passo para aprender a brincar. Esses objetos devem ficar ao alcance do bebé para que possa explorá-los, levá-los à boca, tocá-los, manuseá-los e descobrir tudo o que puder acerca deles (Brazelton, 2009).

Gibson (1979) e Gibson (2002) verificaram num estudo, que os bebés que têm oportunidades de praticar a aquisição de um determinado comportamento na fase ideal, têm propensão de adquiri-lo mais cedo do que outras crianças a quem não é dada essa estimulação. A motricidade é determinante no desenvolvimento das crianças e a disponibilidade de objetos e ações no meio envolvente à criança, estimula o seu desenvolvimento.

Muitos investigadores têm vindo a estudar esta temática das oportunidades de estimulação, pretendendo valorizar os recursos disponibilizados à criança pequena, de forma a desenvolver as competências e perceber os comportamentos das crianças em determinadas fases, para uma adequada intervenção clínica e educacional: a presença e a variedade de brinquedos e jogos (Abbott & Bartlett 2000), a tipologia dos espaços existentes nas casas das crianças mais jovens (Bornstein, 1989), a presença e a ausência de irmãos na família (Bober, Carswell & Core, 2001), o estatuto socio económico das famílias (Fetters & Tronick, 1996) são algumas das oportunidades de estimulação em casa, essenciais ao desenvolvimento motor da criança.

Segundo Piaget (1978), com o brincar a criança aprende, compreende e comporta-se intelectualmente de acordo com o seu estágio de desenvolvimento e através de diversas interações com o seu ambiente. De acordo com Winnicott (1982), as crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeiras físicas e emocionais, brincam para dominar as angústias e controlar ideias ou impulsos que conduzem a angústias. No espaço do brincar a criança comunica sentimentos, ideias, fantasias interligando o real e o imaginário. Brincar é um desafio que promove a expressão individual e reforça a auto-

estima, para além de proporcionar bem-estar. A criança poderá vivenciar o lúdico e descobrir-se a si mesma e apreender a realidade. (Siauly, 2005).

O brincar é cada vez mais defendido como sendo uma atividade que para além de promover o desenvolvimento global das crianças, incentiva a interação, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo (Devries, 2003), (Kishimoto, 2002). Quantas mais oportunidades a criança tiver de brincar, mais fácil será o seu desenvolvimento (Andersen, 2005).

Assim sendo, segundo Wallon, um dos primeiros brinquedos do bebé é o seu próprio corpo, que lhe assegurará momentos prazerosos. A criança desde o nascimento, através dos seus movimentos e brincadeiras, vai gradualmente, desenvolvendo-se coordenadamente, vivendo e estruturando melhor a sua imagem corporal, ponto de partida para uma organização complexa que é a construção de sua personalidade.

Vários autores, Gesell (1979), Vygotsky (1998), Souza (2004) caracterizam o brinquedo, como sendo uma oportunidade para o desenvolvimento da criança, como motivo para a ação, expressão e comunicação. Os brinquedos devem fazer parte das oportunidades de estimulação e devem ser adequados à faixa etária da criança.

O Quadro I apresenta uma lista, de exemplos de brinquedos para as diferentes faixas etárias das crianças, até aos 3 anos de idade, de acordo com um autor de referência no desenvolvimento motor da criança, (Gesell, 1979).

Quadro I – Brinquedos adequados às faixas etárias das crianças

Faixa etária das crianças	Brinquedos
Dos 0 aos 12 meses	Móveis em tecido; . Peluches de cores fortes, macios; . Bolas de borracha ou tecido resistente; . Brinquedos sonoros (rocas, animais) . Cadeiras de balanço; . Livros de tecido . Colchões
Dos 12 aos 24 meses	. Andador; . Mesas de atividades; . Brinquedos com rodas de empurrar e puxar; . Brinquedos sonoros de pressionar, rodar; . Blocos plásticos de empilhar, com texturas, desenhos, sons; . Livros de cartão, . Fantoches de meias . Caixa para guardar legos grandes . Cavalinho de baloiço
Dos 24 aos 42 meses	. Brinquedos que imitam objetos da casa, telefone, louças, ferramentas; . Puzzles; Formas de encaixe; . Contas de enfiar; . Caixa de areia e utensílios . Caixa de água, . Material para escrever e pintar . Materiais musicais . Escorrega, triciclos

1.7. OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivos essenciais,

1. Verificar as oportunidades de estimulação do desenvolvimento motor existentes em casa de famílias, onde habitam crianças entre dos 3 aos 18 meses.
2. Promover a reflexão e o reconhecimento do papel da casa, recursos e materiais nela existente, para que pais e educadores conduzam boas práticas educativas e proporcionem o desenvolvimento das competências da criança, de acordo com as suas características individuais.

CAPITULO II

2. METODOLOGIA

2.1. AMOSTRA

A intervenção/estudo realizado constou na distribuição de questionários a cores, a 350 famílias do distrito de Coimbra, cujos filhos/as frequentam Creches e Jardim-de-infância de uma fundação deste mesmo distrito que abrange Coimbra, Luso, Arganil, Figueira da Foz, Monte Redondo e Carapinheira. No entanto foram recebidos apenas 241 questionários, numa taxa de retorno de cerca de 68,86%, que posteriormente foram codificados e tratados para posterior comunicação e entrega dos resultados às famílias.

Dos 241 questionários, 57 questionários, relativos a crianças dos 3 aos 18 meses foram analisados com vista a determinar a qualidade de oportunidades de estimulação oferecidas. Os restantes questionários foram introduzidos no calculador AHEMD e posteriormente a folha de resultados foi entregue às famílias.

A amostra é constituída por 57 crianças (32 do sexo masculino e 25 do sexo feminino), com uma média de $12,85 \pm 13$ meses de idade.

A amostra é de 57 crianças, no entanto reduz para 48 crianças, quando há famílias, com habitações que não possuem espaço exterior. E a amostra é apenas de 37 crianças, quando estas são menores de 12 meses, e os brinquedos das questões que se seguem não se adequam.

2.2. INSTRUMENTO

O AHEMD é um instrumento que permite uma avaliação simples, rápida e eficaz das oportunidades de estimulação, formado por 68 questões específicas sobre as oportunidades presentes em casa, a ser preenchido pelos pais/encarregados de educação das crianças. As questões estão formuladas para obtenção de resposta rápida, de sim/não, incluindo imagens ilustrativas de materiais e brinquedos, como exemplos de estimulação. Consiste em 2 questionário, um para avaliação de crianças dos 3 aos 18 meses e outro para avaliação de crianças dos 18 aos 42 meses. Para além dos 2 questionários existe um calculador AHEMD que depois da recolha dos questionários serão introduzidos os dados no calculador e este emite uma folha de resultado/ avaliação das oportunidades existentes em cada habitação ajudando desta forma os pais a descobrir o que poderão ajustar para melhorar a sua ação.

Os questionários estão divididos em 4 secções, (como se pode ver no quadro II que aqui é apresentado) e as questões estão agrupadas em 20 categorias indicadoras das oportunidades de estimulação motora (Espaço Exterior, Espaço Interior, Variedade de Estimulação, Materiais de Motricidade Fina e Materiais de Motricidade Grossa).

A análise final recairá sobre a Variedade de Estimulação, (assinalada no quadro a cinza), visto ser o que dará indicação das oportunidades oferecidas às crianças em casa pelos pais.

Quadro II – Affordances/ Oportunidades de Estimulação

AFFORDANCES/ OPORTUNIDADES	CATEGORIAS	SUB-ESCALAS	AHEMD TOTAL
Superfícies, solos, declives, rampas, escadas	Superfície exterior	Espaço exterior	
Aparelhos de suspensão, para trepar e saltar, parque infantil	Materiais no exterior		
Tipologia da casa, nº de quartos, quantidade de espaço	Espaço interior	Espaço interior	
Para suspensão, para trepar, para saltar	Materiais de interior		
Textura do pavimento, materiais para queda, escadas	Superfícies interiores		
Quarto de brincar, arrumação de brinquedos	Espaço de jogo		
Brincadeira com crianças, brincadeira com adultos, nº de crianças em casa, estimulação dos pais	Estimulação	Variedade de estimulação	
Uso de roupas e calçado confortável, escolha de atividades	Liberdade na atividade		
Estimulação verbal	Incentivo parental		
Liberdade de movimentação; Uso de parques	Atividades diárias		
Bonecos, fantoches, Carros, Animais, Cenas Familiares e Objectos da Casa	Faz de conta	Materiais de motricidade fina	
Puzzles, Materiais de Empilhar, Jogos e Contas de Enfiar, Peças de Encaixe	Puzzles		
Jogos Simples	Jogos		
Pequenos Blocos; Legos; Grandes Blocos	Materiais de construção		
Livros, brinquedos para areia/água; material para desenhar	Materiais educativos		
Brinquedos de Mola; Mesas de Atividades Variadas	Outros	Materiais de motricidade grossa	
Instrumentos; Caixas de música; Equipamento Áudio	Materiais musicais		
Materiais para motricidade Grossa das pernas e dos braços	Materiais manipulativos		
Locomoção bípede; Brinquedos para montar	Materiais locomotores		
Brinquedos de Baloçar e Rodar; Espelhos	Materiais de exploração		

2.3. TRATAMENTO DOS DADOS

Os resultados apresentados mostram a sequência das questões do questionário, aqui organizados em 3 capítulos, Caracterização da Habitação Familiar, Atividades Diárias e Brinquedos e Materiais existentes na Residência. Estes resultados foram analisados segundo o método de estatística descritiva.

- *Caracterização da família – Número de irmãos*

No âmbito da caracterização da família verificamos que nem todas as crianças têm irmãos/ãs. Pela análise da Tabela 1 podemos aferir que 37 das crianças não possuem irmãos, verificando-se o mesmo relativamente ao número de irmãs. Verifica-se que 20 crianças têm um irmão e 16 crianças têm uma irmã e 4 crianças têm duas irmãs.

Tabela 1 - Número de irmãos/ ãs

		Tem		Não tem	
	Nº de irmãos	Nº de crianças	Valor percentual (%)	Nº de crianças	Valor percentual (%)
Irmãos	1	20	35,09	37	64,91
Irmãs	1	16	28,07	37	64,91
	2	4	7,02		

- *Caracterização da habitação – Tipo de habitação*

No que ao tipo de habitação diz respeito, os resultados obtidos indicam que a maioria das crianças habita em casas. Analisando a Tabela 2 constatamos que a maioria das crianças (54,39%) vivem em casas, enquanto que, as restantes crianças (45,61%) vivem em apartamentos.

Tabela 2 - Tipo de habitação

Tipo de habitação	Nº de crianças	Valor percentual (%)
Apartamento	26	45,61
Casa	31	54,39

- *Caracterização da família – Adultos que vivem na habitação*

Das famílias inquiridas, conseguimos obter os resultados presentes na Tabela 3.

A leitura da Tabela 3 permitiu-nos perceber que a maioria das crianças (91.23%) vive com, pelos menos, 2 adultos.

Tabela 3 - Número de Adultos a viver na habitação

N.º de adultos	N.º de crianças	Valor percentual %
1	2	3,51
2	47	82,46
3	5	8,77
4	2	3,51
5 ou mais	1	1,75

- *Caracterização da família - crianças que vivem na habitação*

A leitura da Tabela 4 mostra quantas crianças vivem na habitação

Residem 1 a 2 crianças por habitação.

Tabela 4 - Número de crianças na habitação

N.º de crianças na habitação	N.º de crianças	Valor percentual %
1	26	45,61
2	26	45,61
3	4	7,02
4	1	1,75
5 ou mais	0	0,0

- *Caracterização da habitação – Número de quartos*

Nesta Tabela (5) pode-se verificar o número de quartos que existe na habitação e que apenas uma criança vive numa casa com 1 quarto. 45, 61% das crianças vivem em casas com pelo menos 3 quartos.

Tabela 5 - Número de quartos na habitação

N.º de Quartos	N.º de crianças	Valor percentual %
1	1	1,75
2	12	21,05
3	26	45,61
4	15	26,32
5 ou mais	3	5,26

- *Caracterização da habitação – Tempo que vivem na habitação*

Na Tabela (6) verifica-se que a maioria 71,93 % das crianças reside em habitações num período superior a 12 meses.

Tabela 6 - Período de tempo que vivem na habitação

Período de tempo	N.º de crianças	Valor percentual %
Menos de 3 anos	12	21,05
3 a 6 meses	2	3,51
7 a 12 meses	2	3,51
Mais de 12 meses	41	71,93

- Caracterização da família – habilitações académicas dos pais*

Verifica-se na Tabela (7), que as habilitações académicas dos pais são na sua maioria, o 2.º e o 3.º ciclo. No que respeita ao grau académico mais baixo e alto verifica-se que um dos pais é Mestre e/ou Doutorado e dois têm apenas o 1º CEB.

Tabela 7 - Habilitações académicas dos pais

Habilitação académica	N.º de crianças	Valor percentual %
1.º ciclo	2	3,51
2.º ciclo	19	33,33
3.º ciclo	20	35,09
Licenciatura	15	26,32
Mestrado ou Doutoramento	1	1,75

- Caracterização da família – habilitações académicas das mães*

Verificamos nesta Tabela (8) que existe apenas uma situação em que a mãe possui apenas o 1.º ciclo de escolaridade. 45,61% das mães das crianças possuem o 3.º ciclo.

Tabela 8 - Habilitações académicas das mães

Habilitação académica	N.º de crianças	Valor percentual %
1.º ciclo	1	1,75
2.º ciclo	9	15,79
3.º ciclo	26	45,61
Licenciatura	17	29,82
Mestrado ou Doutoramento	4	7,02

- Caracterização da família – Rendimento mensal do agregado familiar*

Na leitura da Tabela 9, respeitante aos valores do rendimento mensal do agregado familiar, analisamos que, nenhuma das famílias inquiridas auferem um

rendimento mensal superior a 3500 €. Só existem 6 famílias que ganham acima de 2500 € por mês.

Tabela 9 - Rendimento mensal dos agregados familiares

Rendimento mensal	N.º de crianças	Valor percentual %
Menos de 1000€	17	29,82
1000 a 1500€	17	29,82
1500 a 2500€	17	29,82
2500 a 3500€	6	10,53
3500 a 5000€	0	0
5000€ ou mais	0	0

- *Caracterização da habitação – Existência de espaço exterior*

Podemos ver através da análise da Tabela 10, que existem 9 famílias com habitações sem espaço exterior. A maioria das crianças (84,21%) reside em habitações com espaço exterior.

Tabela 10 – Habitação: espaço exterior

Espaço Exterior	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	9	15,79
Sim	48	84,21

- *Caracterização da habitação – Existência de mais do que um tipo de superfície no espaço exterior*

Na Tabela 11 verificamos que na maioria dos casos existe mais que um tipo de superfície ou solo no espaço exterior (relva, cimento, areia, madeira, mosaico).

Das 48 crianças, apenas 4 (8,33%) não tem oportunidade de experienciar uma variedade de superfícies na área circundante à habitação.

Tabela 11 – Habitação: mais do que um tipo de superfície no espaço exterior

Solos	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	4	8,33
Sim	44	91,67

- *Caracterização da habitação – Superfícies inclinadas no espaço exterior*

Existência ou inexistência de uma ou mais superfícies inclinadas, rampas no quintal e/ou escorregas no espaço exterior. Pode-se verificar que das 48 crianças,

(54,17%) das crianças têm a oportunidade de experienciar subidas e descidas no espaço exterior.

Tabela 12 – Habitação: superfícies inclinadas no espaço exterior

Superfícies inclinadas	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	22	45,83
Sim	26	54,17

- Caracterização da habitação – Apoios no espaço exterior*

Existência de apoios, suporte ou mobílias, onde a criança possa levantar-se e/ou andar, no espaço exterior. Verifica-se (na Tabela 13), que nem todas as crianças têm esta oportunidade.

Das 48 crianças, 43 (89,58%) das crianças tem a oportunidade de experienciar o levantar e/ ou andar apoiada em suporte ou mobília no espaço exterior.

Tabela 13. Habitação: apoios no espaço exterior, para a criança se levantar sozinha

Apoios no exterior	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	5	10,42
Sim	43	89,58

- Caracterização da habitação – Escadas ou degraus*

Existência de escadas ou degraus no espaço exterior. Verifica-se, na Tabela 14, que nem todas as crianças têm esta oportunidade no espaço exterior. A maioria, 79,17% das crianças tem degraus ou escadas no espaço exterior.

Tabela 14 – Habitação: escadas ou degraus no espaço exterior

Degraus	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	10	20,83
Sim	38	79,17

- Caracterização da habitação – Espaços interior suficiente*

Na Tabela 15, pode-se verificar que existe espaço no Interior da habitação, suficiente para a criança brincar e movimentar-se livremente, gatinhar, rastejar, rolar, andar. Todas as crianças têm espaço, no interior da habitação para se movimentar livremente.

Tabela 15 – Habitação: espaço interior suficiente para a criança brincar

Espaço interior suficiente	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	0	0
Sim	57	100,00

- *Caracterização da habitação – Mais do que uma superfície no interior da habitação*

Segundo a análise da Tabela 16, analisa-se que a maioria das crianças, 92,98%, tem oportunidades de exploração de diferentes tipos de superfícies.

Tabela 16 – Habitação: mais que uma superfície no espaço interior

Mais que um tipo de superfície	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	4	7,02
Sim	53	92,98

- *Caracterização da habitação – Suporte no espaço interior*

Na Tabela 17 pode verificar-se que no interior das habitações existe algum suporte para a criança se apoiarem para se levantar ou movimentar. Todas as habitações no seu interior oferecem oportunidade de as crianças se movimentarem apoiadas.

Tabela 17 – Habitação: suporte no espaço interior para a criança se apoiar

Apoios no interior	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	0	0
Sim	57	100

- *Caracterização da habitação – Escada ou degraus no interior da habitação*

Na Tabela 18 verifica-se se no interior das habitações, existe ou não degraus ou escadas que proporcionem subidas e descidas às crianças. Constata-se que 57,89% das crianças tem oportunidade de subir e descer no interior da casa.

Tabela 18 – Habitação: escada ou degraus no espaço interior da habitação

Degraus no interior	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	24	42,11
Sim	33	57,89

- *Caracterização da habitação – Espaço de fácil acesso para guardar brinquedos*

Verifica-se na Tabela 19 que apenas 1 criança não tem um espaço de fácil acesso e especial para guardar brinquedos. A maioria das crianças (98,25%) possui um local específico para guardar brinquedos.

Tabela 19 – Habitação: espaço de fácil acesso à criança, para guardar brinquedos

Lugar para guardar brinquedos	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	1	1,75
Sim	56	98,25

- *Interação Criança/Criança*

Na Tabela 20 verifica-se que as crianças brincam regularmente, pelo menos 2 vezes por semana, com outras crianças, (sem considerar o tempo que estão na Creche). De 57 crianças 56,14 % das crianças brincam regularmente com outras crianças.

Tabela 20 - Interação crianças/ crianças, sem considerar o tempo na Creche

Brincar com outras crianças	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	25	43,86
Sim	32	56,14

- *Interação pais/crianças*

Analisa-se na Tabela 21, se os pais têm tempo reservado para interagir com os filhos. Todos os pais têm um momento diário para interagir com os filhos.

Tabela 21 - Interação entre pais e crianças

Tempo	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	0	0
Sim	57	100%

- *Interação Criança/outros adultos*

Na Tabela 22 pode-se verificar se as crianças interagem com outros adultos que não os pais. A maioria (91,23%) das crianças interage com outros adultos que não sejam os pais.

Tabela 22 - Interação das crianças com outros adultos que não os pais.

Interação com adultos	N.º de crianças	Valor percentual %
Não	5	8,77
Sim	52	91,23

- *Estimulação feita pelos pais em atividades de exploração corporal*

Na leitura da Tabela 23 verifica-se que as crianças regularmente são estimuladas em casa, pelos pais, para brincadeiras que encorajam à exploração do corpo.

Verifica-se que 10,53 % das crianças não são estimuladas para brincadeiras tais como a exploração corporal.

Tabela 23 - Estimulação das crianças, pelos pais para atividades de exploração corporal

Estimulação em casa	N.º de Crianças	Valor percentual (%)
Não	6	10,53
Sim	51	89,47

- *Incentivo dos pais*

Nesta tabela verifica-se se existe estímulo regular dos pais para atividades como o bater as palmas. A maior parte das crianças, 98,25% é incentivada regularmente pelos pais para o movimento.

Tabela 24 - Incentivo regular dos pais para a prática de atividades como bater as palmas.

Incentivo regular	N.º de Crianças	Valor percentual %
Sim	56	98,25
Não	1	1,75

- *Tempo que a criança passa ao colo*

Na leitura da Tabela 25 pode-se analisar a quantidade de tempo num dia comum, que a criança passa acordada ao colo, ou num suporte mochila porta bebé. É possível verificar que, grande parte das crianças passa o tempo delas acordadas ao colo, embora 57,89% das crianças só às vezes.

Tabela 25 - Quantidade de tempo que a criança passa ao colo, num dia comum

Tempo	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nunca	8	14,04
Às vezes	33	57,89
Quase sempre	10	17,54
Sempre	6	10,53

- *Tempo que a criança passa sentada*

Verifica-se na Tabela 26 o tempo que a criança passa sentada, num dia comum. Em dias comuns, apenas 2 crianças não passam o dia sentadas.

Tabela 26 - Quantidade de tempo em que a criança passa sentada

Tempo	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nunca	2	3,51
Às vezes	34	59,65
Quase sempre	17	29,82
Sempre	4	7,02

- *Tempo que a criança passa de pé a andar*

Na Tabela 27 verifica-se que as crianças, num dia comum passam algum tempo de pé andar num andador. A maioria, 82,46% das crianças passam pouco tempo a andar.

Tabela 27 - Quantidade de tempo em que a criança passa de pé a andar

Tempo	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nunca	22	38,60
Às vezes	25	43,86
Quase sempre	0	0,00
Sempre	10	17,54

- *Tempo que a criança passa num berço ou local do qual não consiga sair sozinha*

A Tabela 28 pode-se verificar quanto tempo, num dia comum a criança passa num parque, berço ou outro local onde a criança não possa sair sem ajuda.

Grande parte das crianças 80,70% passa pouco tempo num local onde não possam sair sem ajuda.

Tabela 28 - Quantidade de tempo em que a criança passa num berço ou local de onde não consegue sair sozinha

Tempo	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nunca	16	28,07
Às vezes	30	52,63
Quase sempre	4	7,02
Sempre	7	12,28

- *Tempo que a criança passa deitada de barriga para baixo*

Nesta Tabela (29) pode-se analisar quanto tempo as crianças passam deitadas de barriga para baixo. 56,14% das crianças passam algum tempo de barriga para baixo num dia comum.

Tabela 29 - Quantidade de tempo em que a a criança passa deitada de barriga para baixo

Tempo	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nunca	12	21,05
Às vezes	32	56,14
Quase sempre	4	7,02
Sempre	9	15,79

- *Liberdade de movimentação da criança*

Na Tabela 30 analisa-se se a criança é livre para se movimentar, gatinhar rastejar no seu dia-a-dia.

Apenas 2 crianças das famílias inquiridas, num dia comum não se movimentam livremente.

Tabela 30 - Número de famílias onde a criança é livre para se movimentar

Tempo	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nunca	2	3,51
Às vezes	14	24,56
Quase sempre	24	42,11
Sempre	17	29,82

- *Brinquedos suspensos - móveis*

Verifica-se na Tabela 31 o número de brinquedos suspensos por criança. Grande parte das crianças tem brinquedos suspensos, móveis ou brinquedos de berços. Apenas 2 crianças não possuem brinquedos desta natureza.

Tabela 31 - Número de brinquedos suspensos a cima ou ao lado da criança, móveis

N.º de Brinq. Suspensos	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	2	3,51
1 - 2	30	52,63
3 - 4	16	28,07
5 ou mais	9	15,79

- *Brinquedos manipuláveis, chocalhos, borrachas de sucção*

A Tabela 32 demonstra quantos brinquedos manipuláveis existem para cada criança, (chocalhos, mordedores ou borrachas de sucção, brinquedos com diferentes texturas e/ou com espelho). Verifica-se que apenas 1 criança não possui brinquedos desta natureza. A maioria tem mais que 2 brinquedos desta natureza.

Tabela 32 - Número de brinquedos manipuláveis, chocalhos, borrachas de sucção

N.º de B. Manipuláveis	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	1	1,75
1 - 2	9	15,79
3 - 4	15	26,32
5 ou mais	32	56,14

- *Brinquedos de peluche*

A Tabela 33 demonstra quantos de brinquedos de peluche, musicais ou não, brinquedos de borracha, de tecido ou outras matérias macias e de brincar na água flutuantes, esponjas, existem em casa das crianças.

Não existe nenhuma criança que não tenha pelo menos 1 brinquedo deste tipo.

Tabela 33 - Número de brinquedos de peluche

N.º de Brinquedos	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	0	0,00
1 - 2	4	7,02
3 - 4	9	15,79
5 ou mais	44	77,19

- *Equipamentos tipo cadeiras de balanço*

Na Tabela 34 pode-se verificar o número de cadeiras de balanço, espreguiçadeiras para bebés e estação de atividades tipo aranhas, onde o bebé fica no interior desta, de pé a brincar. 24,56% das crianças das famílias inquiridas não usufruem de oportunidades de balançar o corpo.

Tabela 34 - Número de equipamentos tipo cadeiras de balanço, em que a criança fica no seu interior

N.º de Brinquedos	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	14	24,56
1 – 2	39	68,42
3 – 4	3	5,26
5 ou mais	1	1,75

- *Brinquedos com rodas que possam ser puxados*

Verifica-se na Tabela 35 a existência ou inexistência de carros, comboios, animais ou outros brinquedos que possam ser puxados ou empurrados.

Existem 8 crianças que não possuem qualquer um destes brinquedos.

Tabela 35 - Número de brinquedos com rodas que possam ser puxados ou empurrados

N.º de Brinquedos	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	8	14,04
1 – 2	16	28,07
3 – 4	14	24,56
5 ou mais	19	33,33

- *Brinquedos de apertar, pressionar, bater e rodar*

Na Tabela 36 podemos verificar que a maioria das crianças têm brinquedos de apertar, pressionar, bater ou rodar. Apenas 5,26% crianças não têm brinquedos desta natureza.

Tabela 36 - Número de brinquedos de apertar, pressionar, bater e rodar

N.º de Brinquedos	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	3	5,26
1 – 2	12	21,05
3 – 4	26	45,61
5 ou mais	16	28,07

- *Blocos de empilhar em plástico ou madeira*

Verifica-se na Tabela 37 a quantidade de blocos para empilhar, em plástico, espuma, madeira ou borracha. Verificamos que nem todas as crianças têm a oportunidade de explorar este tipo de brinquedos, 17,54% das crianças não possuem blocos de empilhar.

Tabela 37 - Número de blocos de empilhar, em plástico ou madeira

Quantidade de material	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	10	17,54
1 - 2	28	49,12
3 - 4	9	15,79
5 ou mais	10	17,54

- *Livros em vários materiais*

Na leitura da Tabela 38 pode-se analisar que todas as crianças têm pelo menos 1 destes materiais, livros para bebés em tecido, em papel, cartão ou plástico. Todas as crianças usufruem da oportunidade de explorar livros.

Tabela 38 - Número de livros em vários materiais

N.º de livros	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	0	0,00
1 - 2	18	31,58
3 - 4	11	19,30
5 ou mais	28	49,12

- *Bolas*

Verifica-se na Tabela 39, que a maior parte das crianças pode explorar bolas de diferentes tamanhos, texturas, cores e formas. Apenas 1 criança das famílias inquiridas não usufrui desta oportunidade de estimulação.

Tabela 39 - Número de bolas

N.º de Bolas	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	1	1,75
1 - 2	22	38,60
3 - 4	17	29,82
5 ou mais	17	29,82

- *Materiais para estimular o rastejar, trepar e gatinhar (ex: tapetes, colchões)*

A Tabela 40 demonstra que a maior partes das crianças vivenciam experiências com materiais que estimulam a criança a rastejar, a gatinhar ou até a se levantar, colchões, tapetes de borracha, plataformas macias, etc. No entanto, verifica-se que 24,56% das crianças não usufruem desta oportunidade de estimulação.

Tabela 40 - Número de materiais tais como tapetes, colchões para estimular o rastejar, trepar e gatinhar

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	14	24,56
1 – 2	35	61,40
3 – 4	7	12,28
5 ou mais	1	1,75

As tabelas que se seguem visam apurar a existência de materiais e brinquedos em casas de crianças maiores de 11 meses, uma vez que os brinquedos que se seguem não são recomendados para crianças com menos de 12 meses. Reduzindo o número de inquiridos para 37.

- *Materiais musicais*

No que respeita ao número de materiais musicais ou seja, instrumentos, caixas de música e brinquedos que emitem sons, melodias em resposta às ações da criança (chocalhar, pressionar, puxar, etc.) verifica-se que nem todas as crianças possuem tais materiais. A maioria das crianças 67.57% tem mais de 3 materiais desta natureza.

Tabela 41 - Número de materiais musicais

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	3	8,11
1 – 2	9	24,32
3 – 4	14	37,84
5 ou mais	11	29,73

- *Brinquedos para encaixe de formas variadas*

Verificamos na Tabela 42 que a maioria das crianças, das famílias inquiridas tem destes brinquedos (brinquedos educativos para encaixar formas variadas), ou seja 91,89% das crianças tem pelos menos dois brinquedos desta natureza.

Tabela 42 - Número de brinquedos educativos para encaixar formas variadas

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	4	10,81
1 - 2	21	56,76
3 - 4	9	24,32
5 ou mais	3	8,11

- *Fantoches*

No que respeita a fantoches e marionetes macios podemos verificar na Tabela 43, que muitas crianças não têm oportunidade de explorar estes brinquedos.

Grande parte das crianças (40,54%) não tem brinquedos desta natureza em casa.

Tabela 43 - Número de fantoches e marionetes macios

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	15	40,54
1 - 2	16	43,24
3 - 4	4	10,81
5 ou mais	2	5,41

- *Bonecos com acessórios*

Na leitura da Tabela 44, pode-se analisar a quantidade de brinquedos com acessórios por criança. 43,24% das crianças, não tem oportunidades de estimulação com brinquedos desta natureza em casa.

Tabela 44 - Número de bonecos e outros personagens com acessórios tais como biberão, roupas, capacete, mobiliário, etc.

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	16	43,24
1 - 2	12	32,43
3 - 4	2	5,41
5 ou mais	7	18,92

- *Brinquedos que representam objetos da casa*

No que respeita a brinquedos que representam objectos existentes na casa, telefone, ferramentas, utensílios de cozinha, etc. Verifica-se na Tabela 45 que a maior parte das crianças têm oportunidades de explorar este tipo de brinquedos. 83,79% das crianças tem pelo menos 2 brinquedos desta natureza, em casa.

Tabela 45 - Número de brinquedos que representam objectos da casa, telefones, ferramentas, utensílios de cozinha

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	6	16,22
1 - 2	19	51,35
3 - 4	6	16,22
5 ou mais	6	16,22

- *Brinquedos de empilhar*

No que respeita a brinquedos de empilhar, na Tabela 46 pode-se verificar que a maioria das crianças tem destes brinquedos em casa. No entanto, 21,62 % das crianças não tem nenhum brinquedo desta natureza em casa.

Tabela 46 - Número de brinquedos de empilhar

Quantidade de Brinquedos de Empilhar	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	8	21,62
1 - 2	19	51,35
3 - 4	7	18,92
5 ou mais	3	8,11

- *Brinquedos quebra-cabeças*

Na Tabela 47 verifica-se que existem crianças que não têm a oportunidade de explorar brinquedos quebra-cabeças para bebés, de 2 a 6 peças, em casa.

A maior parte das crianças, 62,17%, têm pelo menos 2 brinquedos desta natureza.

Tabela 47 - Número de brinquedos quebra-cabeças para bebés, de 2 a 3 peças.

Quantidade de Brinquedos	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	14	37,84
1 - 2	13	35,14
3 - 4	8	21,62
5 ou mais	2	5,41

- *Estímulo de movimentos para levantar, andar com apoio, empurrar e puxar.*

Objectos ou brinquedos que estimulam a criança a levantar e a andar com apoio, brinquedos de puxar e de empurrar. Verifica-se que a maior parte das crianças tem destes materiais em casa. 21,62% das crianças não tem este tipo de brinquedo em casa.

Tabela 48 - Brinquedos que estimulam a criança a levantar, a andar com apoio, de empurrar e puxar.

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	8	21,62
1 – 2	19	51,35
3 – 4	8	21,62
5 ou mais	2	5,41

- *Mesas de atividades*

Mesas de atividades onde a criança possa brincar de pé (em plástico, madeira, etc.). Na leitura da Tabela 49, analisa-se que a maior parte tem pelo menos 3 brinquedos deste tipo. 40,54% das crianças não tem em casa este tipo de brinquedos.

Tabela 49 - Número de mesas de atividades, em plástico ou madeira, onde a criança possa brincar de pé

Quantidade de Mesas de Atividades	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	15	40,54
1 – 2	18	48,65
3 – 4	4	10,81
5 ou mais	0	0,00

- *Brinquedos de baloiço (ex: baloiços, cavalos de baloiçar, triciclos de bebés)*

Na Tabela 50 pode-se analisar o número de brinquedos de baloiço que existem por criança. No que respeita a baloiços ao ar livre para bebés, cavalos de baloiçar, triciclos para bebés, Verifica-se que nem todas as crianças têm destes materiais em casa. A maioria, 75,68%, possui mais de 3 materiais desta natureza.

Tabela 50 - Número de brinquedos tais como baloiços ao ar livres para bebés, cavalos de baloiçar, triciclos de bebés

Quantidade de materiais	N.º de Crianças	Valor Percentual%
Nenhum	9	24,32
1 – 2	22	59,46
3 – 4	6	16,22
5 ou mais	0	0,00

DISCUSSÃO

Na discussão dos resultados analisa-se em particular os aspetos relativos às atividades diárias e especificamente à variedade de estimulação. Tal opção se deve ao objetivo traçado para este projeto, ou seja, verificar as características da habitação, do agregado familiar e as atividades de estimulação que os pais proporcionam à criança, bem como a variedade de brinquedos que a mesma potencialmente pode usar. Verificou-se um resultado de nível elevado, em que alguns pais promovem uma variedade de oportunidades de estimulação média, aos seus filhos/as, visto que nem todas as famílias proporcionam um grande número de oportunidades e porque não foi possível verificar a qualidade dessas mesmas oportunidades.

No que respeita à caracterização da habitação familiar, verifica-se que nem todas as habitações possuem espaço exterior como por exemplo, para estimulação e exploração de diferentes tipos de solos (relva, cimento, areia, madeira, mosaico) e de diferentes superfícies, (tais como rampas e escorregas) e neste caso é pertinente que os pais organizem o seu tempo, proporcionando momentos de interação com as crianças com idas a parques ou jardins, onde estas possam experienciar/realizar diversas atividades que favoreçam o contacto com superfícies com as características em cima descritas, para um enriquecimento de experiências e um progresso no desenvolvimento motor.

Para além da existência de espaços exteriores de área circundante à habitação ou área envolvente, é importante que o espaço interior da habitação seja o suficiente para a realização de movimentos como o andar ou gatinhar. Verifica-se que todas as habitações possuem um espaço no interior para que, as crianças possam brincar mas nem todas as habitações possuem uma variedade de superfícies para a exploração. Logo os pais devem procurar criar hábitos e estilos de vida saudáveis desde cedo, organizando o ambiente de forma a facilitar o brincar, isto é explorável e que incentive a criança (Dantas, 2002).

Na interação criança/crianças e criança/ adultos, sem considerar o tempo que a criança passa na creche, observa-se que nem todas as crianças têm oportunidade de vivenciar esta experiência de forma significativa, apenas cerca de metade das famílias inquiridas proporciona a interação entre criança /crianças e com outros adultos que não os pais.

Verifica-se que a maioria dos pais, no geral oferece uma variedade de estimulação positiva, incentiva e encoraja os seus filhos/as para a exploração de movimentos com o corpo, mas verifica-se também que, embora muitas respostas tenham

sido na opção (às vezes), muitas crianças tendem a estar pouco ativas, num dia comum em casa, passam muito tempo ao colo, sentadas e fechadas em locais de onde não conseguem sair sozinhas.

Referente aos brinquedos suspensos no berço há 2 crianças que não possuem brinquedos desta natureza, no entanto o questionário apresenta exemplos de brinquedos, podendo as famílias oferecerem estimulação através de alguma “engenharia doméstica” que segundo Gesell, também pode servir como estímulo, tal como uma peça de roupa suspensa, que por exemplo, se agita. Importa proporcionar um ambiente rico, o que não quer dizer ter brinquedos caros, mas que incentive a criança à exploração e à comunicação.

Quanto aos brinquedos de manipulação analisa-se que, todas as crianças possuem pelo menos 2 brinquedos. Este número é suficiente para que os pais promovam o brincar. Os pais devem dar muita atenção ao bebé criando a oportunidade, deste olhar, observar coisas, agarrar e reagir socialmente. Aprender a transferir objetos de uma mão para outra, este é um grande passo para aprender a brincar. Esses objetos devem ficar ao alcance do bebé para que possa explorá-los, levá-los à boca, tocá-los, manuseá-los e descobrir tudo o que puder acerca deles (Brazelton, 2009).

No que respeita à quantidade de brinquedos no geral, correspondente a 17 variedades de brinquedos/equipamentos de estimulação do desenvolvimento motor pode-se registar que o número de crianças que efectivamente têm muitos brinquedos/equipamentos é menor, ao número de crianças que não possuem nenhuns dos brinquedos/ equipamentos. Constatando este resultado de oportunidades, entende-se ser extremamente importante os educadores de infância, que mantêm uma relação mais próxima com as famílias das crianças terem acesso a estes resultados e através do processo de empowerment, incentivar e informar os pais acerca de atividades que enalteçam a estimulação para o desenvolvimento motor das crianças, identificando uma série de estímulos e oportunidades que estes possam proporcionar à criança em casa. Pois são os pais os maiores interessados no desenvolvimento motor dos seus filhos e são os pais os primeiros promotores dessas oportunidades. Associado a esta ideia, Peiper (1963), Kaye e Brazelton, (1971) referem que a vinculação à mãe do nascimento aos 18 meses, estabelece os alicerces da confiança, onde a criança ganha algum controlo básico sobre o eu e o meio, criando os seus padrões de auto-conforto, autonomia e a exploração. Neto (1982), refere que o desenvolvimento da criança está cada vez mais dependente da natureza e do seu contexto social.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo apresentam que a variedade de estimulação que os pais proporcionam aos seus filhos/as em contexto sócio familiar é elevada.

Em síntese importa enaltecer que a variedade de estimulação é elevada, ainda que num outro item da interação crianças/crianças, crianças/adultos os resultados permitem concluir que algumas crianças deveriam ter uma maior estimulação.

Importa desenvolver a análise dos dados, num calculador dos 3 aos 18 meses, de forma a descobrir o valor representativo da estimulação do desenvolvimento motor dessa faixa etária.

Importa alargar a aplicação do questionário a uma maior amostra de forma a elaborar um estudo exploratório para validação do questionário na população portuguesa.

O instrumento AHEMD contém algumas limitações, necessitando de algumas reformulações de forma, a esclarecer a população em geral que venha aceder à página do instrumento AHEMD, nomeadamente a ter acesso à folha de resultados proveniente do calculador. Esta folha deverá incluir um quadro explicativo onde indique o que é um resultado fraco, médio e bom, com uma descrição do que é que as famílias podem fazer para rentabilizar as oportunidades de estimulação do desenvolvimento motor das crianças, incentivando à criação e adopção de estilos de vida saudáveis e ativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbott, A. & Bartlett, D.(2000). Infant motor development and equipment use in home. *Child, Care and Development*, 27, 295-306.
- Abbott, A. Bartlett, D. Fanning, J. & Kramer, J. (2000). *Infant motor development and aspects of the home environment*. PPT, 12, 62-67.
- Andresen, H. (2005). Role play and language development in the preschool years. *Culture & Psychology*, v.11 n.4, 387-414.
- Belloc & Breslow, L. (1972). Relationships of physical health and health practices. PM
- Bowlby, J. (1973). *Separation and loss*, New York: Basic Books
- Bornstein,.(1989) A Tipologia dos espaços existentes nas casas das crianças mais jovens.
- Brazelton, T.B. (2009) *O grande livro da criança: O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T.B. & Bertrand G.C. (1993). *A Relação mais Precoce, Os pais, os bebés e a intervenção precoce*. Lisboa: Terramar.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research Perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (2000). Ecological Theory. In A. Kazdin (Ed.), *Encyclopedia of Psychology*. Washington, DC and new York: American Psychological Association and Oxford University Press.
- Burns, Y.R., MacDonald, J. (1999). *Desenvolvimento da motricidade desde o nascimento até os 2 anos de idade*: Fisioterapia e crescimento na infância.
- Bury, J., (1932). *The idea of progress*. New York: Macmillan
- Bushman B (2011.) Meeting and Exceeding the Physical Activity Guidelines. In: Bushman B. ACSM's complete guide to fitness & Health. USA: Human Kinetics
- Candeias, N. (1997). Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. Departamento de Prática de Saúde

Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Rev.
Saúde Pública

- Carvalho, S. (2000) – *Criação de Ambientes Favoráveis para a Promoção de Estilos de Vida Saudáveis*. Universidade do Minho. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde
- Carvalho, S. (2004) - Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde, Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro.
- Devries, R. (2003). *Currículo Construtivista na Educação Infantil*. Porto Alegre: ArtMed.
- Direção Geral de Saúde - Divisão de Saúde Materna, Infantil e dos Adolescentes (2005) Saúde Infantil e Juvenil – Programa-tipo de Atuação. 2ªed. Lisboa
- Eckert, H. M.(1993) *Desenvolvimento Motor*. São Paulo: Editora Manole,
- Flehmg I. (2004). *Evolução normal e anômala primeiro mês-normal*. In: Texto e atlas do desenvolvimento normal e seus desvios no lactente. São Paulo: Atheneu.
- Gibson, J. (1986). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin,
- Green L., Kreuter. & Marshall W. (1991). Health Promotion planning. An educational and environmental approach, 2ª ed, Mayfield Publishing Company. Mountain View
- Haywood, K. & Getchell, N. (2004). *O Desenvolvimento Motor Ao Longo Da Vida*, S.P.: Artmed.
- Kishimoto, T. (2002). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning
- Lucarillo, J. (1995). Mind, culture, person: elements in a cultural psychology. Human Development
- Mesquita, Luísa, (2012). Estilos de vida, aptidão física e composição corporal em crianças e jovens, Universidade De Coimbra Faculdade De Ciências Do Desporto E Educação Física, 2012.
- Neto, C. et al. (1982). *Análise do comportamento Motor. Estudos de Motricidade Infantil. ISEF*. Lisboa: Centro de Documentação e Informação Cruz Quebrada.
- (OMS). (1986). Organização Mundial da Saúde *Carta de Ottawa para a promoção da saúde*. Lisboa: Divisão da educação para a saúde.

- Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo na criança: imitação jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pikunas, J. (1979) - *Desenvolvimento Humano: Uma ciência emergente*; São Paulo: McGraw-Hill.
- Poletto, R. (2005). Lucidade e contexto familiar, *Psicologia em estudo*, Maringá, V. 10, n.1, p.67-75,
- Projecto AHEND Oportunidades de estimulação motora na casa familiar. (Affordances in the home environment for motor development), (2005), disponível em: http://www.ease.ipvc.pt/dmh/AHEND/pt/ahemd_1pt.htm
- Rodrigues, L. & Gabbard, C. (2007). Avaliação das oportunidades de estimulação motora presentes na casa familiar: projecto affordances in the home environment for motor development. In J. Barreiros, R. Cordovil, & S. Carvalheira (Eds) *Desenvolvimento Motor da Criança* (pp 51-60). Lisboa: Edições FMH
- Shepherd, R., (1998). Desenvolvimento da motricidade da habilidade motora. *Fisioterapia pediátrica*. São Paulo, Santos;. 09 - 42.
- Shirley, M.(1961). *The first two years: A study of twenty-five babies*. Mineapolis: University of Minnesota Press
- Siaulys, M. (2005). *Brincar para todos*. Brasília: MEC/SEESP
- Souza, Maria Thereza Costa Coelho. *Os Sentidos de Construção: o si mesmo e o mundo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 122p.
- Vygotsky, L. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*, São Paulo: Martins Fontes
- Winnicott, D. (1982). *A Criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A.

INDICE DE ANEXOS EM DVD

Anexos

Apresentação do projeto na Fundação a 12 .12.2011

Apresentação do Projeto, em PowerPoint, a 14 . 01.2012 na ESEC

Apresentação do Projeto na Conferencia JMI, a 22.03.2012

Apresentação e comunicação dos resultados aos pais (agendado para Setembro)

Base de Dados em Excell, dados das crianças dos 3 aos 18 meses

Calculador AHEMD vbeta

Questionário AHEMD 3-18 meses

Questionário AHEMD 18-42 meses

Resultados do Calculador AHEMD